

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELLOS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XXX

1938

## Antiquitvs

(Continuado d-O Arch. Port., xxvii, 215 a 220)

### XXVIII

#### O sino velho de Santa Maria de Sintra

(Uma raridade de bronze)

**Sumário.**—A sua legenda latina e respectiva análise.—A lenda de Santa Águeda e as suas variantes; interpretação.—O canto-chão da própria legenda.—Antiguidade e paleografia do sino.—Casos de repetição da mesma sentença em Portugal.

Suspense da sua vulgaríssima e desproporcionada ventana, há pouco mais de século e meio (que é um século para a longevidade dos monumentos!); olhado com desinteresse, à conta das suas reduzidas dimensões; ouvido com indiferença, tam destimbrada é já a sua voz antiga, o sino velho de Santa Maria de Sintra deve contar-se declaradamente entre as cousas preciosas dessa vila realenga, cujos cimos altaneiros são diademas de pedraria a coroarem majestosamente a campina dilatada que os rodeia, manto ondeante, de que mal se enxerga a orla azulácea de estremenhas terras.

A arcaica, mas remoçada igrejinha de Santa Maria, com o seu largo pórtico, tradicionalmente apontado a oeste, prende quem, ao passar calcorriando o íngreme flanco da serra, que o torrejado Castelo domina, conserve ainda a sensibilidade do passado e lance olhar curioso a êsse edificio sacro, que hoje representa a primeira fundação afonsina da freguesia de Santa Maria, se é verídica a tradição.



Fig. 1

Do que ainda aquele encerra de prístino e bom, foi autorizado monógrafo o ilustre professor S.<sup>or</sup> D. José Pessanha, na *Athena*, com o título: «Santa Maria de Sintra» (vol. I, n.º 2, 1924).

Analisada e descrita, palmo a palmo, pelo ponderado arqueólogo, com aquele seu jeito de escrever, leve e didático, elegante sem deixar de ser técnico, e mais do que isso, amoroso da mediéfica arquitectura, a igreja de Santa Maria de Sintra é classificada, em atenção aos seus trechos mais recuados, como de estilo romano-gótico ou de transição.

Coevo da criação presumível da paróquia pelo proto-rei português, já nada ali se encontra, a não ser, como influência, a estilização românica de alguns capitéis.

Uma valiosíssima antigualha porém, que possui, embora fatigada, a doce voz brônzea que ia, já em tempos de outrora, repercutir-se para o seio das ogivas da abside e que se dilatava, como hoje, para as quebradas montanhosas dos arredores, ou soluçando dolentemente, ou trinando nos baptizados e bodas festivas dos fregueses, não merece que se deixe assim permanecer no quasi-olvido, em que tem estado, se bem que a referida monografia também a mencione, mas sem insistência, por falta de oportunidade.

E ela a antiqüíssima campana, que se vê na sineira do frontispício da torre e à qual poucos anos faltam para poder celebrar o seu quingentário, visto que é obra do reinado de Afonso V, talvez pouco posterior à reconstrução medieval, de que ainda sobrevivem os elementos mais notáveis do templo, como são o pórtico e a oussia. A sua forma esguia e cónica differencia-se bastante do perfil mais francamente campanulado das fundições dos séculos XVII e XVIII, das quais não são ainda hoje raros os produtos. A sua altura é de 0<sup>m</sup>,70 e o diâmetro da bôca: 0<sup>m</sup>,65 (fig. 1).

\*

O velho sino de Santa Maria de Sintra não dá ensejo a dúvidas, quanto à sua protracta idade de 461 anos. Duas cintas epigráficas o ornam (fig. 2).

Nesta figura procurou-se reproduzir o tipo paleográfico da legenda, independentemente dos ornatos que a distinguem.

Alguns dos elegantes caracteres obedecem ao tipo uncial, mas são fantasiosa-

† MENÇES ÇĀÇĀSPONÇANĒĀKORORĒ  
 † DEO: PACRIEYBERACIONEM: C: M: CCC: LXIII: A

Fig. 2

mente ornamentados em relêvo, com animais e plantas; de altura medem 0<sup>m</sup>,040 e de largura 0<sup>m</sup>,036 (figs. 3, 4 e 5). Cada letra correspondia, no molde da fundição, a um cunho independente, tal como em um componedor tipográfico.

Informa Viollet-le-Duc (*Dict. rais. de l'Archit. Française du xi<sup>e</sup> au xvi<sup>e</sup> siècle* s. v. «Cloche») que, a partir do séc. xv (anteriormente as legendas dos sinos eram gravadas nos moldes para cada sino)



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

as letras são feitas por meio de caracteres de chumbo ou madeira que servem para imprimir cada letra em uma pequena placa de cera, mais ou menos ornada, que se aplica sôbre o modelo antes de fazer a parte ôca.

Reconhece-se êste processo na letra I, que a fig. 6 representa e em cujo cunho se nota a sobreposição do cunho da letra contígua.

A curiosa legenda está redigida em língua latina e a sua leitura não oferece estôrvo à interpretação, mas esta é algo embaraçosa; desfazendo abreviaturas temos:

✠ *Mentem sanctam spontaneam honorem*

✠ *Deo (et) patrie lyberacionem e(ra) m.cccc.l.x.viii.a*

Na primeira linha os *m* e os *n* estão representados por ~ ~ (tiles) característicos e na palavra *sanctam* houve uma transposição de letras, da qual resultou ler-se: *scâtã*. Há mais um E uncial, voltado à es-

querda (H) e a palavra *liberationem* está impressa com um Y na 1.<sup>a</sup> sílaba; em vez do T uncial, encontra-se C, fácil lapso, tratando-se de caracteres de tipo *redondo*. Também foi suprimida a partícula *et* depois de *Deo*. Pontos separativos só a linha inferior os possui e triplices.

As palavras da legenda transcrita foram célebres na idade-média, sendo freqüentemente empregadas nas inscrições campanulares desta época. O facto de não serem exclusivas do sino de Santa Maria de Sintra não o desvaloriza; antes o torna mais interessante, porque mostra que as mesmas influências litúrgicas, que atravessavam então as nações cristãs, também atingiam esta extremidade do mundo, reinando ainda nela D. Afonso V, dado o caso que a fundição seja nacional.

\*

Estas duas linhas contêm uma série de acusativos latinos; ¿qual o verbo que os rege? Na grande maioria das inscrições campanárias encontram-se em verdade acusati-

vos, mas o verbo que os rege, está expresso. Assim, certo sino olisiponense tem *voco plebem*; outro estrangeiro inscreve *funera plango*; são frases postas na voz do mesmo sino, personificando-o e fazendo-o confessar a sua própria missão. Em outro, o bronze modula uma oração ao seu patrono: *Augustine, tuam campanam protege sanam*. Um, que já denunciei do concelho de Cascais, exhibe simples saudação de caracteres góticos em relêvo: *ave maria gratia plena*, mas o «caso» empregado não exige verbo.

No facto particular que é aqui versado, subentender um verbo latino em 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, por exemplo: *proclamo*, seria hipótese cómoda, se o sentido dos próprios acusativos não fôsse, como é, muito enigmático. E demais, isto deixa suspeitar que a sentença latina não é originariamente campanária, mas foi aplicada um tanto à força, por ser de natureza estranha; como que se sente deslocada.

Tentando, porém, encontrar tradução plausível da frase latina, teríamos: (*Proclamo*) *um espírito santificado espontaneamente, a honra de Deus (e) a libertação da pátria*. ¿Que intenção teriam estas palavras na voz do sino?

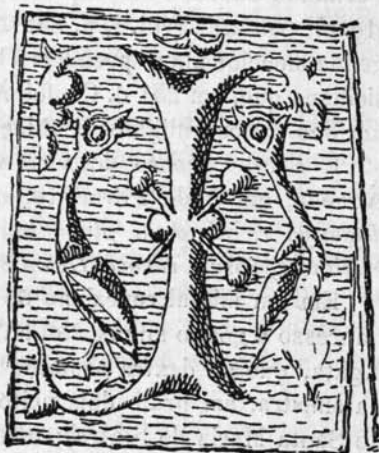


Fig. 6



A curiosidade do investigador não ficaria saciada, porque a pronta ilação que surge, é que tal legenda é um trecho de maior sentença; busquemos, portanto, outra directriz.

\*

Comecemos por abrir o *Dictionnaire d'Archéologie et de Liturgie* (moderna enciclopédia cristã, organizada por um beneditino D. Fr. Fernando Cabrol e um arqueólogo D. Henrique Leclercq), na palavra *Agathe (Sainte)*, (vol. I, p. 849). Daí se colhe que as palavras da legenda mencionada se prendem à lenda de Santa Águeda, formosa cristã siciliana que, em 251 d. C., foi martirizada em Catânia (Sicília), sendo um dos tratos infligidos a ablação violenta dos peitos virginais.

É a este género de tortura que se refere a missa de Santa Águeda, em 5 de Fevereiro, quando reza no *Communio: Qui me dignatus es ab omni plaga curare et mamillam meam meo pectori restituere, ipsum invoco Deum vivum.*

Em um missal veneziano de MDLXXIX a fl. 146 (5 de Fevereiro), impresso a gótico minúsculo, há uma vinheta com a imagem de Santa Ágata, que na dextra sustenta uma palma, emblema do martírio e, na sinistra, um prato dois peitos, seu atributo agiográfico (Cartório de Santa Maria de Sintra); nêle já se encontra esta invocação.

Outro autor narra que o martírio consistiu em fazer rolar o corpo virgíneo da donzela cristã em carvões ardentes, estremecendo então o solo da ilha com um sismo, que foi considerado como o horror da própria natureza perante a barbaridade perpetrada.

Consignam os respectivos *Acta* que, no momento em que a sepultura definitiva da heróica mártir ia ser cerrada, um mancebo appareceu, transportando uma lápide marmórea, onde aquella legenda estava gravada. Esta narração, cuja autenticidade é considerada problemática para a própria crítica agiográfica, interessa nesta crónica, independentemente da sua deliciosa feição lendária, para revelar como o modesto sino de *Santa Maria* testemunha a vulgarização da lenda mediévia italiana de Santa Águeda, em Portugal.

Aquelas palavras adquiriram celebridade na idade-média, dizem aqueles autores, e freqüentemente foram inscritas nos sinos, provavelmente a exemplo de um sino da antiga basilica de S. Pedro, em Roma.

\*

Em uma obra, que especialmente trata da história da Sicília, encontra-se uma variante da lenda, que se afigura mais lógica e menos vaga, embora não reproduza o texto da legenda, o que é

para notar. Segundo essa obra, quando os cristãos se davam à piedosa tarefa de inumar o corpo da mártir, surgiu uma multidão admirável de mancebos celestiais de grande formosura, que traziam um mármore com os *louvores* da virgem vitoriosa gravados, e o colocaram no túmulo para sempiterna memória. A obra tem o seguinte título geral: *Thesaurus Antiq. et Hist. nobiliss. insul. Siciliae*, por Joah. Georg. Graev. (Lugd. Batav. MDCCXXIII), vol. II, col. 120, onde se lê: *nam D. Agathae Martyris Corpus cum Christiani curarent, centuria coelestium Juvenum admirabili oris pulchritudine adfuit, qui victricis Virginis elogium, marmoris inscriptum ad memoriam sempiternam in ejus sepulchrum inferrent*<sup>1</sup>.

Esta citação não é supérflua, pois que o texto de Jorge Grevio estabelece uma ligação de sentido entre a lápide, embora imaginária, do sepulcro de Santa Águeda e os louvores agiográficos (*elogium*) desta mártir siciliana, o que estava indefinido no anterior extracto. Mas há mais. O tom sibilino da curiosa legenda, a sua redacção concisa subsistem ainda diante do desejo do investigador, que não encontra todos os elementos indispensáveis para a hermenêutica de uma lacónica sentença. Torna-se, pois, necessário compulsar outra fonte de informação.

Lenain de Villemont nas *Mém. pour servir à l'histoire ecclésiastique des six premiers siècles* (t. v, pp. 409, 730 e 733, ed. de 1699), reportando-se aos *Acta* de Santa Águeda narra a lenda da inumação da mártir santa, referindo-se ao mancebo que era acompanhado de cem infantes e trazia a lápide de mármore, em que estavam inscritas as palavras latinas já referidas. Acrescenta que o mancebo não era conhecido naquele sítio e que, depois de se ter conservado junto do túmulo da Santa até que este foi cerrado, saiu para fora, não sendo mais visto, o que deu ocasião a que se julgasse que era o Anjo da Guarda da Mártir.

Esta lenda, escreve o próprio L. de Villemont, não é muito *aisée* de acreditar; em todo o caso, é narrada por palavras do prefácio da missa atribuído a Santo Ambrósio: *Hanc Christi nuptam susceperunt Angelorum agmina, quae «mentis ejus» sanctitatem indicarunt & «patriae liberationem»*. A coincidência deste texto ambrosiano com as palavras da legenda é patente.

A tradução que L. Villemont nos dá desta, é a seguinte: *Alma santa, cheia de zelo, que é a honra de Deus e a libertação da pátria.*

<sup>1</sup> Esta obra consta de 15 grandes tomos e existe na Biblioteca da Assembleia Nacional.

\*

Procuremos levar mais adiante a pesquisa.

D. Cabrol, no artigo já citado, dá a seguinte notícia: *Odon de Chateauroux, évêque de Tusculum a consacré tout un sermon (entre 1254 et 1269) à les commenter, mais sans faire allusion à la coutume de les graver sur les cloches.*

Não tendo conseguido encontrar nas grandes bibliotecas portuguesas (Nacional, Academia, Coimbra) qualquer referência bibliográfica que proporcionasse a consulta das obras do bispo de Tusculum, em boa hora recorri à Biblioteca Apostólica Vaticana, cujo eminente «*Preffeto*», Monsenhor G. Mercati, teve a penhorante gentileza de transcrever um trecho da obra *Analecta Novissima* (ed. Pitra, II, p. 316 e sgs.) onde se encontra a oração de Otão de Chateauroux, alusiva a Santa Águeda e que por sua Reverendíssima mesmo foi indicada. O grande bispo italiano supre desta forma o que à sentença falta para a sua inteligência.

*Haec habuit MENTEM SANCTAM ESPONTANEAM.*

*Dedit HONOREM DEO ET PATRIAE LIBERATIONEM.*, não sem declarar que «*haec verbo diversi diversimode exponere conati*». É pois uma hipótese, embora sábia.

É intuitiva desta forma a tradução da sentença campanária que constitui o elogio panegirico da Santa, como já nos indicara J. J. Grevio. E gramaticalmente os acusativos exercem aí a função que lhes é própria.

¿Como porém poderão explicar-se as duas últimas palavras *Patriae liberationem* com referência à ilha ou à cidade em que Santa Águeda foi martirizada?

Vejamos as palavras textuais de O. de Chateauroux ao analisar cada membro daquela sentença e ocupando-se do último: «*Sequitur*» «*Et patriae liberationem*» *supple* «*dedit*». *Hoc fuit ad litteram, quam civitatem Cataniensem et regionem circa ab igne decurrente a monte Etna admodum fluvii, per oppositionem veli sepulcri sui liberavit*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Esta lição parece a mais autorizada, mas alguns querem que seja, não: *mentem sanctam spontaneam, honorem Deo*, etc., mas *mentem sanctam, spontaneam honorem Deo*, etc.

Cumpro o gratissimo dever de consignar aqui os meus rendidos agradecimentos a Monsenhor G. Mercati pela minuciosidade das suas informações e oferecimento de fotografar todo o discurso do bispo de Tusculum, se fôsse preciso.



A «libertação da pátria» deve pois entender-se, não como um sucesso de ordem política, mas mais de ordem natural, pois se refere ao risco que a cidade de Catânia, ameaçada pela lava do Etna, correu, escapando da catástrofe, graças à protecção de Santa Águeda, patrona da Tinácia.

Levado o estudo da inscrição do sino de Santa Maria de Sintra até onde foi possível, com os elementos que estiveram ao meu alcance, resta apresentar a sua tradução portuguesa, segundo a restituição do bispo italiano.

Temos pois:

Esta teve «mentalidade santa e espontânea»:

Deu «honra a Deus e libertação à pátria».

\*

Apresentarei agora um aspecto inédito d'este inesgotável assunto.

A maravilhosa frase, que a lenda coloca na lápide do sarcófago de Santa Águeda em Catânia, não só adorna o bronze dos sinos medievais como que para lhes fazer proclamar, do alto dos campanários, os louvores da mártir siciliana, mas, transcrita para antifonários das igrejas, era salmeada pelo côro dos clérigos, no dia consagrado à glorificação da bem-aventurada.

Em um velho livro-de-côro, que deve ter servido à própria colegiada de Santa Maria de Sintra, pois que ainda hoje a esta paróquia pertence, e que um dia casualmente folheei, tive a feliz surpresa de encontrar a legenda do próprio sino, posta em cantochão!

¡Ninguém, de entre aqueles que tenham seguido este estudo, ficaria impassível diante de uma coincidência que tam inesperada era, pelo menos, para as apoucadas letras do autor!

¡No lacerado, incompleto volume lá se vêem pois, nos cânticos do dia 5 de Fevereiro, as mesmas palavras que o sino da mesma igreja de Santa Maria conserva a esculpirem-lhe a face veneranda!

¡Eram, nesse dia de comemoração litúrgica, vozes de côro e vozes de bronze, a modular, como em unísono clamor, a tradicional legenda latina!

¡Do arruinado tómo do côro de Santa Maria, no qual ainda permanecem os modestos cadeirais da pristina colegiada, perdeu-se lastimavelmente o frontispício, em que a data da impressão deveria estar indicada, e estéreis foram até agora as diligências para encontrar um antifonário da mesma edição!

O texto é impresso com tinta preta e negros são também os signos do cantochão bem como as vinhetas; mas as letras capitulares, as rubricas e a pauta são vermelhas. Sem óbice da paleografia gótica dos caracteres, a opinião das pessoas autorizadas que se dignaram emitila, é que a edição do *Cantatorium* de Santa Maria de Sintra é do princípio do séc. XVII<sup>1</sup>. A paginação que exhibe, já é de algarismos arábicos.

Mas, em nenhum outro autor dos que compulsei, surgiram referências a este facto dos antifonários, o que veio engrandecer a minha impressionante surpresa. Aos leitores destas notícias tentarei proporcionar, por meio de zincogravura, bicolor a reprodução da página pela qual a colegiada de Santa Maria de Sintra entoava, no grave canto gregoriano, a lendária legenda do velho sino da sua própria igreja (fig. 7). E se possível fôr, a interpretação musicada do trecho do raro livro-de-côro, que ainda se guarda na antiga paróquia sintrense (fig. 8).

\*

O humilde sino de Santa Maria faz parte de uma série antiga representada em Portugal. Tudo isto valoriza notavelmente a antiqualha sintrense.

Em Lisboa houve um sino fernandino, em que a mesma legenda ornava a curva exterior do bronze, desenrolando-se em três linhas, juntamente com uma oração latina ao Anjo Custódio, posta em hexâmetros; as tôrres e os sinos eram, em eras passadas, colocados sob a protecção de São Miguel. Era essa campana da Sé de Lisboa e, o que para o caso presente tem significação, é que estava datada e assinada pelo fundidor «Mestre João Francês». Era chamado o sino do relógio e fôra mandado fundir pelo próprio rei D. Fernando, dois anos depois de rematadas as muralhas de Lisboa em 1375<sup>2</sup>.

¡Como seria evocador que hoje possuíssemos essa histórica reliquia! Não o consentiu o negregado sismo de 1755, ao ruir a tórre meridional da Sé, ocupada por aquela secular sineta e por mais outros sinos, ¡que também se aniquilaram e dos quais o maior pe-

<sup>1</sup> É aos Ex.<sup>mos</sup> S.<sup>rs</sup> P.<sup>o</sup> Tomás Borba e Dr. Ataíde e Melo, aquele, professor eminente do Conservatório, este, professor de bibliologia e conservador erudito da Biblioteca Nacional, que tenho o dever de endereçar os meus agradecimentos pelas valiosas indicações, que da sua alta competência de peritos recebi.

<sup>2</sup> Foi estudada pelo malogrado Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, IV, p. 177. Veja-se também *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, pelo S.<sup>or</sup> A. Vieira da Silva, p. 18 e sgs.

**C** In sancte agathe virginis & martiris. Cap. hym. & et tria brenia de communi virginum dicuntur. Ad magnificat. afa.

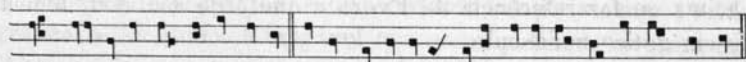
deum in eternum. ps. Magnificat.

**Lo.4** **Q**uoniam sanctam spontaneam honorem deo et patrie liberationem. ps. Magnificat. In primo noct. afa.

**I**ngenua sũ & expectabili genere: vt ois parẽte, la mea testatur. ps. Btũs. **Añ.** Sũma igenuitas ista ẽ: in qua seruitus xpi comprobaf. ps. Quare fremue. **Añ.** Ancilla christi sum: ideo me ostẽdo habere serulem personã. ps. Domine quid. **R. j.** Tam torqueret beata agatha in mammilla grauiter/dixit ad iudicem: Impie crudelis et dire tyranne/non es confusus amputa.



Fig. 7



Quoniam sanctam spontaneam honorem deo et patrie liberationem.

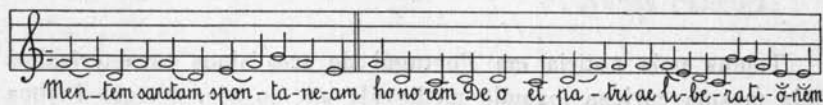


Fig. 8

sava doze mil quilos! Talvez na manhã trágica dêsse fatal dia santo de 1 de Novembro, estivessem todos em solene e alegre repique, quando para sempre emudeceram, despenhando-se com temeroso fragor no meio dos destroços desmoronados.

Da mesma série epigráfica da campana sintrense e da sineta olisiponense existe outro exemplar na igreja de S. Francisco de

Évora, mas menos antigo, pois que é manuelino («Campanários em Portugal», por Ascensão Valdez, in *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, XII, n.º 2, p. 109)<sup>1</sup>.

Cronologicamente, o sino de S.<sup>ta</sup> Maria ocupa lugar intermédio ao da cêrca fernandina de Lisboa (séc. XIV) e ao de Évora (séc. XVI). Cumpre demonstrá-lo. A data, que preenche uma cinta ornamental na base do cone da campana, lê-se facilmente; é assim: *era de MCCCCXVIII anos*, visto como se trata já do ano do nascimento de Jesus Cristo de 1468. As letras da data unciais e romanas estão separadas por triplíce pontuação, formando as centenas, cada uma das dezenas e as unidades quatro grupos de caracteres, além do milésimo. E assim temos em algarismos interpretada a data de: *Era de 1468 anos*, o que corresponde à propecta idade, mesmo para um sino, de 465 anos! A palavra *era*, em vez de *ano*, figura ali como hábito não desarraigado, pois que se trata do ano cristão de 1468. Ainda hoje, nalguns pontos do País, se fala em era em lugar de ano, contudo a lei joanina de 1422 foi terminante.

Sendo uma epígrafe da 2.<sup>a</sup> metade do séc. XV, os caracteres deviam ser de tipo gótico, alemão ou monacal, que caracteriza já a epigrafia do séc. XIV em Portugal. Há pois um arcaísmo, que poderá explicar-se pela falta de renovação dos antigos cunhos ou matrizes das letras empregadas em sinos de séculos anteriores ao próprio séc. XIV. Mas succede que um raríssimo sino eborense do séc. XIII, já apresenta a sua legenda em gótico minúsculo e aquele a que acima se faz referência de Évora e que é do séc. XVI, tem a epígrafe em gótico maiúsculo.

Esta divergência mostra que, não se tratando de um sino datado, é imprudente tirar rigorosas conclusões cronológicas da paleografia das suas legendas.

\*

Temos pois notícia em Portugal de três sinos caracterizados pela mesma curiosa legenda medieval: um do séc. XIV em Lisboa (destruído); um do séc. XV em Santa Maria de Sintra e o terceiro em Évora, do séc. XVI. Tudo isto é a zona meridional do País. Mas nas outras províncias portuguesas não haverá mais sinos mediévicos, que a mencionada legenda caracterize?

---

<sup>1</sup> É curiosa a deturpação da legenda neste sino; tem: *mementam samtam esptomtania onore deu pater libaracione*.



Não sendo esta de fácil interpretação, a sua disseminação entre nós não pode relacionar-se rigorosamente com o seu sentido e portanto deve explicar-se por qualquer outro modo.

O culto de Santa Águeda gozou de grande popularidade na idade-média, sobretudo na Itália, porque, além de ser considerada a padroeira de Catânia (Sicília), foi muito reverenciada pelos habitantes de Roma, onde há uma igreja de *Santa Agatha dei Gott*, edificada por um rei normando Ricemer, aí sepultado em 472 (*Walks in Rome*, por Aug. J. C. Hare, London 1905).

Da popularidade do culto passava-se ao emprêgo da sentença extraída da vida da santa; é pouco provável que se difundisse em Portugal o costume de ornar os sinos com aquelas palavras na alta idade-média, em que também muito raros seriam os sinos<sup>4</sup>; o facto é que depois, de campanário em campanário, a frase misteriosa chegou até cá na decadência do médio evo.

O bispo de *Tusculum*, anteriormente referido, no seu sermão sobre Santa Águeda, comentou largamente a pretendida inscrição do sepulcro desta gloriosa mártir, mas sem mencionar de qualquer modo o uso de a gravarem nos sinos, o que parece indicar sem dúvida que, só depois do séc. XIII, esse uso se introduziu; entretanto em Portugal no séc. XIV, já o sino fernandino da Sé românica de Lisboa o comprovava.

Em conclusão: julgo, depois destas considerações, que nenhuma explicação do enigmático epitáfio de Santa Águeda, epitáfio trazido lendariamente por anjos, é de satisfazer completamente a crítica epigráfica; e, contudo, é inegável que essas palavras tiveram na baixa idade-média grande voga, e o costume de as modelar nos sinos estava, em Portugal, já introduzido no séc. XIV e perdurou pelo menos até o XVI.

F. ALVES PEREIRA.

---

<sup>4</sup> Da doação da fundação do mosteiro de Grijó em a. 922 (e. 960) consta, além de vestimentas, vasos, livros, também sinos (*Bol. da Associação do Arq. Port.* VII, 159).